**ORIGENS DA MISOGINIA E A IDEIA DO DEMÔNIO**

Existe uma linha de continuidade entre a ideia do mal, o conceito de demônio e o medo/ódio à mulher presentes no judaísmo tardio e no Novo Testamento. Mas esta linha de continuidade chega até nossos dias influenciando vários movimentos religiosos fundamentalistas. A princípio, o mal e o bem provinham de Iahweh (Javé), até por causa da crença monoteísta diante de outras divindades estrangeiras, muitas identificadas com o mal. Vários textos do Antigo Testamento (Bíblia Hebraica) chegam a colocar satã como o lado mau de Iahweh ou um seu agente para praticar o mal, restrito às relações entre os próprios humanos. Aos poucos, Iahweh foi sendo identificado apenas com o bem, e o mal, diante disso, teria, assim, uma origem diferente. Com o tempo, essa origem foi sendo vista como sendo incorporada a satã, antagonista de Iahweh.

A ideia do “demônio” entre os judeus só se define após o Exílio na Babilônia (587-538 a.C.) com forte influência da demonologia dos povos da Mesopotâmia. Assim, surge entre os séculos II a.C. e I a.C. uma vasta literatura apocalíptica com espíritos malignos que se arvoram em contrariar os desígnios do Criador. O primeiro livro de Enoc se destaca dentre vários outros livros extracanônicos. Nele encontramos o Mito dos Vigilantes sistematizando a demonologia judaica. Aqui, os espíritos demoníacos sobreviveram após morte dos gigantes (nephilim) destruídos por ordem de Iahweh. Gênesis 6: 1-4 é uma clara referência ao Mito dos Vigilantes. Aqueles gigantes eram originários das relações sexuais entre os anjos caídos (expulsos por Javé da Corte Celestial) e as mulheres humanas e espalhavam toda sorte de destruição e desgraças sobre a Terra.

Percebe-se pelos evangelhos sinóticos (Mateus, Marcos e Lucas) que, na Palestina à época de Jesus, havia uma proliferação demoníaca sem precedentes em uma verdadeira guerra cósmica. O Evangelho de Marcos nos chama a atenção pela grande quantidade de exorcismos praticados por Jesus. Para Marcos, Jesus vive num confronto direto com Satanás, em uma verdadeira “guerra espiritual”. Satanás era simbolizado pela Lei Judaica, pela guerra e pela repressão romana, pelo preconceito, pela doença ou pelo templo. A estratégia narrativa de Marcos, ligada à apocalíptica, se caracterizada por um dualismo radical (de origem persa), em que a nova ordem de Jesus, o reino de Deus, se opõe fundamentalmente à velha ordem conservada e defendida pelos escribas, sempre presentes nas atividades de exorcismo.

Alguns autores chegam a defender que o Cristianismo Antigo nasceu como um movimento apocalíptico do judaísmo. Assim, a literatura bíblica neotestamentária depende diretamente, em algumas partes, das imagens do Mito dos Vigilantes, como Judas 6; 1 Pedro 3,18-21 e 2 Pedro 2,4. E ainda 1 Co 11, 10; 1 Tm 2,9-11; 1Pd 3,3-4 e Ap 9,1-11. 12,9. Existe uma verdadeira interdiscursividade e intertextualidade entre os textos apócrifos e textos do Novo Testamento que revelam violência(s) simbólica (s) contra a figura feminina. A tradição judaica do segundo templo em geral e as obras cristãs posteriores mostram como a mulher foi alvo de grande preconceito, chegando, em alguns momentos, a ser vista como uma aliada das forças malignas.

O ódio contra o feminino está intrinsecamente ligado ao medo que rodeia a imagem da mulher que perpassou a Antiguidade, marcou fortemente a Idade Média e nos chega até os dias presentes em várias culturas, inclusive a nossa. O que gera toda a desgraça do mundo, segundo o Mito dos Vigilantes, e funda a cultura do caos é a beleza da mulher. Esta serviu de desestabilização da ordem cósmica. Em Gênesis 3, é através de Eva que se introduz o primeiro ato de desobediência às ordens de Deus. Segundo J. Collins, o Mito dos Vigilantes pode ser lido em momentos diferentes da história e aplicado em diferentes momentos de crise . Na história da recepção do Mito dos Vigilantes, novas imagens aparecem dando à narrativa novos contornos. Contudo, as figuras centrais são preservadas e a mulher é ainda mais demonizada.

Por aí, podemos começar a compreender a centralidade do sexo ligado à mulher no viés fundamentalista de várias crenças religiosas de origem semita, inclusive entre os cristãos, em especial entre algumas igrejas pentecostais e neopentecostais. Não dá para separar o mal e o demônio, de um lado, e a mulher e seu poder sedutor, de outro. Se a mulher é culpada da queda de seres celestiais, ela continua perigosa para todos os humanos e por isso sua ação e sua liberdade precisam ser controladas. Em momentos quando acirram as reivindicações pela autonomia da mulher, ligadas aos direitos reprodutivos por exemplo, também se acirra uma reação fundamentalista de controle de seus corpos e de seus comportamentos. Podemos concluir que o Mito dos Vigilantes continua firme e forte no inconsciente sócio-religioso das sociedades ocidentais.